

BALANÇO DO GOVERNO CASAGRANDE

MONTADORA E ESTALEIRO ALIVIARAM ANOS DIFÍCEIS

Estado atrai projetos de longo prazo para diminuir gargalos

▄ **ABDO FILHO**
afilho@redgazeta.com.br

Os últimos quatro anos ficaram marcados pelas muitas dificuldades enfrentadas pela economia brasileira e pelas fortes turbulências na Europa e Estados Unidos. O Espírito Santo, Estado cuja economia é uma das mais abertas do Brasil, não poderia passar ileso por isso. De 2010 para cá, a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) estadual só fez desacelerar, fechando 2013 negativo em 1,1%.

Apesar do cenário macro ruim, foram vários os avanços obtidos visando um ho-

rizonte de longo prazo melhor. Merecem destaque a consolidação de um polo automotivo no Norte do Estado e o anúncio de uma série de investimentos portuários que prometem tirar do mapa do Espírito Santo esse tremendo gargalo logístico.

“Sem dúvidas, esses são os maiores legados desses quatro anos de governo Renato Casagrande. Há muito tempo o Estado buscava uma montadora, a Volare começa a fabricar ônibus agora em janeiro, em São Mateus. Com relação aos portos, os processos estão andando, alguns já estão

com licença de instalação emitida (C-Port e Itaoca Offshore, ambos em Itapemirim). São projetos que se complementam e que farão do Estado um polo logístico com capacidade de atender a todo o Brasil”, assinala o secretário estadual de Desenvolvimento, Nery De Rossi.

Ele sublinhou o trabalho de campo e bastidor realizado nos últimos quatro anos para melhorar a infraestrutura “de terra” do Estado. “A BR 101 está concedida; a 262 terá boa parte do trecho que corta o Estado duplicado já a partir do ano que vem; foi realizada nova licitação

do Aeroporto de Vitória e as obras começam em 2015; temos oito eixos de rodovias locais sendo melhorados ou ampliados; e novos ramais ferroviários que ligarão o Estado ao Centro-Oeste serão licitados pelo governo federal. Toda esse complexo logístico dará ao Estado condições de ser um dos principais polos logísticos do país”.

Merecem destaque também a consolidação de projetos gestados na década passada e o forte crescimento da cadeia de petróleo e gás no Espírito Santo. O Estaleiro Jurong Aracruz deve estar na plenitude de sua ca-

pacidade em 2015. Samarco e Vale inauguraram suas novas pelletizadoras este ano. E a produção de petróleo em território capixaba ultrapassou, nos últimos meses de 2014, os 500 mil barris de óleo equivalente (petróleo e gás) por dia.

Importantes programas de desenvolvimento do Estado, Compete-ES (Programa de Competitividade Sistêmica do Estado do Espírito Santo) e Invest-ES (benefício que estimula as empresas a realizarem investimentos) foram ampliados. Nos últimos quatro anos, o Invest beneficiou

150 empreendimentos, que geraram um investimento de R\$ 12 bi no Estado e possibilitaram a abertura de aproximadamente 13 mil postos de trabalho.

O Compete, por sua vez, chegou a três novos segmentos – moagem de calcário e mármore, venda não presencial, e perfumaria e cosméticos –, alcançando 20 contratos. De 2011 para cá, a quantidade de empresas dentro do programa cresceu 40%, de 830 para 1.180. Essas companhias empregam 50 mil pessoas. “Sem dúvida, o saldo é positivo”, finaliza Nery.

INVESTIMENTOS NO ESTADO

Os maiores empreendimentos que saíram do papel nos últimos quatro anos



A Gazeta | Editoria de Arte | Genildo

Grandes investimentos previstos não saíram do papel

▄ A atração de investimentos ao Estado também teve seus tropeços nos últimos quatro anos. A Companhia Siderúrgica de Ubu (CSU), da Vale, cujas obras começariam em 2011, não saiu do papel; nenhuma das várias montadoras de automóveis chinesas que anunciaram projetos para o Estado de fato veio; a Petrobras desistiu do porto que faria em An-

chieta e segue postergando o Complexo Gás-Químico de Linhares; e pairam uma série de dúvidas sobre os vários portos anunciados para o Estado nos últimos anos.

O secretário de Desenvolvimento, Nery De Rossi, tem respostas para todos os reverses. Sobre a CSU, ele coloca a culpa na crise que se abateu sobre a siderurgia mundial. “Há

excesso de aço no mundo. A construção da siderúrgica perdeu atratividade”.

Com relação às montadoras que não vieram, o secretário põe a culpa no governo federal. “O novo regime automotivo desmotivou a vinda das empresas de fora para cá. São muitas as dificuldades impostas para quem entra no mercado nacional, por isso não vieram”.

Sobre o porto de apoio às atividades de exploração de óleo e gás que a Petrobras desistiu de fazer em Anchieta, Nery afirma ser compreensível a decisão. “Teremos C-Port e Itaoca Offshore, com a mesma finalidade, em Itapemirim. Para que construir se pode contratar e ampliar os investimentos na atividade fim?”.

A demora do Complexo

Gás-Químico o secretário atribui à entrada no mercado do petróleo e gás de xisto explorado nos EUA. “Boa parte dos produtos que seriam fabricados pelo complexo, como o metanol, ficaram muito mais baratos com o xisto. Creio numa redução do projeto, que voltaria a ser uma unidade de fertilizantes, o mesmo que foi anunciado na década passada”.

Sobre as desconfianças com relação aos portos anunciados, no início do mês o Ministério Público Estadual pediu, e conseguiu, a suspensão das licenças de instalação dos dois portos previstos para Itapemirim. “São projetos de impacto, que sempre geram amplas discussões. Entretanto, são projetos que contribuirão para o crescimento local”.